



Agostinho à sombra de Virgílio: a recepção agostiniana da Quarta Bucólica
Agustí a l'ombra de Virgili: la recepció agustiniana de la Quarta Ègloga
Agustín a la sombra de Virgilio: la recepción agustiniana de la Cuarta Égloga
Augustine in the Shadow of Virgil: Augustine's Reception of the Fourth Eclogue

Fábio Frohwein de Salles MONIZ¹
Israel Matheus Siqueira SANTOS²

Abstract: This article examines Augustine's reception of Virgil's *Fourth Eclogue* as a privileged case study for understanding the bishop of Hippo's relationship with his pagan past and classical education. The poem's eschatological imagery, the figure of the *puer*, and the promise of a renewed age made it one of the most readily Christianized texts in late antiquity. Within the framework of Classical Reception Studies, reception is understood not as passive transmission but as an active process of reconfiguration, through which ancient texts acquire new meanings in new historical contexts. Against that background, Augustine's five references to the *Fourth Eclogue*, scattered across commentaries, letters, and *The City of God*, show a selective and strategic use of Virgil in apologetic contexts. Rather than treating the poem as a complete Christian allegory, Augustine mobilizes its language to mediate between Roman literary culture and Christian truth. The article argues that this reading reveals not only Augustine's nuanced engagement with Virgil, but also the broader formation of a Christian *Romanitas* in Late Antiquity.

Keywords: Augustine – Virgil – Fourth Eclogue – Christian *Romanitas*.

Resumen: Este artículo examina la recepción agustiniana de la *Cuarta égloga* de Virgilio como un caso privilegiado para comprender la relación de Agustín de Hipona con su pasado pagano y con su educación clásica. La imagería escatológica del poema, la figura del *puer* y la promesa de una nueva edad hicieron de este texto uno de los más fácilmente cristianizados en la Antigüedad tardía. Dentro del marco de los Estudios de Recepción Clásica, la recepción se entiende no como una transmisión pasiva, sino como un proceso

¹ Doutor em *Literatura Brasileira* e em *Letras Clássicas* pela [Universidade Federal do Rio de Janeiro \(UFRJ\)](http://www.ufrj.br). Professor de Língua e Literatura Latinas do [Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras](http://www.ufrj.br) da [UFRJ](http://www.ufrj.br). Docente fixo do [Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas](http://www.ufrj.br) da [UFRJ](http://www.ufrj.br). E-mail: fabiofrohwein@letras.ufrj.br.

² Mestre em *Letras Clássicas* pela [Universidade Federal do Rio de Janeiro \(UFRJ\)](http://www.ufrj.br). Graduado em *Letras Português/Latim* pela [Universidade do Estado do Rio de Janeiro \(UERJ\)](http://www.ufrj.br). Este artigo é um extrato adaptado de sua dissertação de mestrado intitulada *A construção de uma Romanitas cristã como fenómeno de recepção clássica: leituras cristãs de Virgílio nos séculos II a V*. E-mail: israelsiqueira@ufrj.br.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

activo de reconfiguración, mediante el cual los textos antiguos adquieren nuevos significados en nuevos contextos históricos. Sobre ese trasfondo, las cinco referencias de Agustín a la *Cuarta égloga*, repartidas entre comentarios, cartas y *La ciudad de Dios*, muestran un uso selectivo y estratégico de Virgilio en contextos apologéticos. Más que leer el poema como una alegoría cristiana completa, Agustín moviliza su lenguaje para mediar entre la cultura literaria romana y la verdad cristiana. El artículo sostiene que esta lectura revela tanto la compleja relación de Agustín con Virgilio como la formación más amplia de una *Romanitas* cristiana en la Antigüedad Tardía.

Palabras-clave: Agustín – Virgilio – Cuarta égloga – Antigüedad Tardía.

ENVIADO: 01.05.2026
ACEPTADO: 26.05.2026

Introdução

Neste artigo, analisaremos a recepção agostiniana da *Quarta Bucólica* de Virgílio como estudo de caso da relação que Agostinho de Hipona³ manteve com o seu passado pagão e com a sua educação clássica. A escolha desse recorte se justifica pela posição singular da *Quarta Bucólica* no interior da literatura cristã antiga:⁴ trata-se de um poema breve, mas de enorme densidade simbólica, cuja linguagem escatológica, a figura misteriosa do *puer* e a evocação do retorno da Idade de Ouro favoreceram, desde cedo, leituras cristianizadoras. A *Quarta Bucólica* tornou-se um dos textos virgilianos mais intensamente apropriados por autores cristãos do período tardo-antigo, precisamente porque seu vocabulário poético permitia ser reinscrito em horizontes teológicos distintos daqueles do original virgiliano.

³ Exceto quando indicada outra fonte, as citações do original latino de Agostinho vêm da versão digital de sua obra completa (AGOSTINHO, S. [Aurelii Augustini Opera Omnia: Patrologiae Latinae Elenchus](#))

⁴ Há uma diferença entre o estudo da “literatura cristã” e o da “literatura grega e latina”: enquanto estas se distinguem a partir da língua, aquela se distingue pelo conteúdo. Segundo os autores, é justificado individualizar a literatura cristã antiga porque o surgimento do cristianismo gerou novas formas de comunicação literária, e “a forma não é um revestimento exterior do conteúdo, mas o modo como este último se exprime”. Ver MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina I: de Paulo à era constantiniana*. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 14.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

A capacidade do poema de atrair leituras cristãs deriva de seu amplo potencial interpretativo. Em tom oracular e obscuro, o poema articula promessas de uma transformação radical da história e da natureza. O anúncio de que *ultima Cumaei iam uenit carminis aetas*⁵ (“Vem já a última era do canto de Cumas”,⁶ v. 4) e o advento de um *nascenti puero* (“ao menino nascente”, v. 8) sob cujo governo *ferrea primum desinet ac toto surget gens aurea mundo* (“a gente férrea cessará e em todo o mundo surgirá a gente áurea”, vv. 8-9) constituem núcleos de sentido que os leitores cristãos prontamente reconectaram aos anúncios bíblicos do advento messiânico. A imagem de um *te duce* (“sob teu guia”, v. 13) que fará desaparecer os vestígios da culpa humana e a promessa de que a própria terra produzirá bens de modo espontâneo formam um campo de alusões que, quando transposto para o horizonte cristão, se tornam uma prefiguração da regeneração escatológica.

Essa vulnerabilidade interpretativa não foi ignorada pelos primeiros apologistas latinos. Isto é, a cristianização do poema não começou com Agostinho. Antes dele, Lactâncio já havia conferido ao poema uma leitura explicitamente milenarista,⁷ integrando seus versos a uma escatologia cristã marcada pela expectativa de um reino futuro de abundância. Nas *Instituições divinas*, 7.24,⁸ o autor recorta e reorganiza passagens da bucólica para mostrar que o tempo descrito por Virgílio não pertence ao passado mítico, mas ao futuro escatológico, e conclui que o poeta teria falado segundo os versos da Sibila de Cumas. A importância dessa operação é dupla: de um lado, ela consolida

⁵ VIRGÍLIO. *Bucólicas* (fixação, tradução e comentário do texto latino: Frederico Lourenço). Lisboa: Quetzal Editores, 2021.

⁶ Exceto quando indicado o contrário, todas as traduções são nossas.

⁷ O milenarismo foi uma doutrina cristã particularmente popular no período patrístico, fundamentada na “[...] convicción de que habrá, entre el tiempo que vivimos, con sus desgracias y sus crímenes, y la eternidad posterior al último juicio, un periodo intermedio de paz y de felicidad en el mundo terrenal. Cristo reinará en este mundo con los ‘justos’ resucitados.” – DELUMEAU, Jean. “Historia del milenarismo en Occidente”. In: *Historia Crítica*, Bogotá, n. 23, 2002, p. 9. Esse reino de Cristo duraria mil anos, e é identificado por Lactâncio com o retorno dos reinos de Saturno de Virgílio e a Idade de Ouro dos poetas.

⁸ LACTÂNCIO. *Opera omnia: Pars I: Divinae Institutiones et Epitome Divinarum Institutionum* (ed.: Samuel Brandt e Georgius Laubmann). Praga; Viena; Leipzig: F. Tempsky; G. Freytag, 1890. [Perseus Digital Library](#).



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

Virgílio como testemunha involuntária da verdade cristã; de outro, neutraliza o contexto da poesia augustana e insere o poema no horizonte da expectativa messiânico-milenarista.

A *Oratio ad sanctorum coetum*, atribuída ao imperador Constantino e preservada como apêndice da *Vita Constantini* de Eusébio de Cesareia, oferece a maior exegese cristológica da *Quarta Bucólica* que nos legou a Antiguidade tardia. Nela, uma profecia sibilina e o texto virgiliano aparecem em sequência, como testemunhos convergentes de uma mesma verdade: a vinda de Cristo, a renovação da história e a legitimação da nova ordem cristã do Império. A leitura constantiniana é importante porque já não se limita ao milenarismo, mas encaminha o poema para uma interpretação diretamente cristológica, em que o *puer* e os versos sobre a renovação da era são lidos em chave de cumprimento evangélico.⁹

É nesse horizonte que os Estudos de Recepção Clássica fornecem o aparato conceitual mais adequado para a análise. Os estudos de recepção clássica ocupam-se dos processos culturais que moldam e constituem as relações entre textos diversos.¹⁰ Em outros termos, o interesse do campo não está em localizar uma suposta influência linear e unidirecional do texto antigo sobre seus leitores posteriores, mas em descrever os modos pelos quais cada receptor reinscreve o clássico em um novo contexto histórico, ideológico e discursivo. O sentido de um texto não é uma essência fixa, aguardando simplesmente ser extraída pelo intérprete, mas algo que se realiza no ato mesmo da recepção.¹¹ Essa formulação nos permite compreender a leitura cristã de Virgílio como uma produção eficaz de sentido em um novo horizonte de interpretação.

A recepção é uma forma de reconfiguração identitária. No caso dos cristãos de língua latina, a apropriação de Virgílio não é meramente ornamental nem exclusivamente escolar: ela participa da construção de uma *Romanitas* cristã, isto é, de uma

⁹ EUSÉBIO. [Constantini imperatoris oratio ad coetum sanctorum](#). Heikel, Ivar (ed.). Leipzig: Hinrichs, 1902. [Perseus Digital Library](#).

¹⁰ HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 5.

¹¹ MARTINDALE, Charles. *Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 3.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

autocompreensão na qual o cristianismo aparece como herdeiro legítimo e consumidor da cultura romana. Isso se torna particularmente visível quando autores cristãos mobilizam a autoridade de poetas e filósofos pagãos para legitimar a nova fé diante de um público culto. O que está em jogo, portanto, não é só a leitura de Virgílio, mas a própria produção discursiva de uma identidade cristã enraizada no mundo romano e, ao mesmo tempo, distinta dele. É por isso que a análise da recepção agostiniana da *Quarta Bucólica* pode ser lida como estudo de caso privilegiado da relação entre cristianismo e cultura clássica no final da Antiguidade. No percurso que vai da primeira cristianização do poema em Lactâncio e Constantino até a sua reutilização agostiniana, vemos a permanência de um texto e a transformação de seus modos de leitura e de seu valor simbólico.

A partir disso, propomos examinar a recepção de Agostinho da *Quarta Bucólica* como um caso emblemático da forma como ele lida com Virgílio e, mais amplamente, com o seu passado pagão e sua formação clássica. A hipótese que orienta a análise é que essas citações não são acessórios eruditos, mas peças de uma hermenêutica por meio da qual Agostinho incorpora a autoridade virgiliana ao seu projeto de pensamento cristão. Nessa perspectiva, a bucólica é também um lugar em que se manifesta a tensão, já então produtiva, entre a educação clássica e a conversão cristã.

I. A recepção agostiniana da *Quarta Bucólica*

Em cinco ocasiões, ao longo de mais de vinte anos, Agostinho citou ou aludiu à *Quarta Bucólica*. A primeira vez foi num comentário à *Epístola aos Romanos*, antes de 395. As três ocasiões seguintes são cartas, uma sem data e duas escritas entre 409 e 412. Finalmente, a última referência à *Quarta Bucólica* vem na fase mais madura de seu pensamento, a *Cidade de Deus*, em 417. O comentário a *Romanos* jamais foi finalizado, mas foi analisando a abertura da epístola paulina que Agostinho cita o poeta.

Ora, Paulo diz que Deus prometera o Evangelho “διὰ τῶν προφητῶν αὐτοῦ ἐν γραφαῖς ἁγίαις”¹² (“por meio dos **seus** profetas nas escrituras sagradas”). Agostinho está

¹² Rm. 1:2.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

interessado na expressão “seus profetas”, e se indaga se há profetas que não são “seus” (de Deus):

Fuerunt enim et prophetae non ipsius, in quibus etiam aliqua inueniuntur quae de Christo audita cecinerunt, sicut etiam de Sybilla dicitur: quod non facile crederem, nisi quod poetarum quidam in Romana lingua nobilissimus antequam diceret ea de innouatione saeculi, quae in Domini nostri Iesu Christi regnum satis concinere et conuenire uideantur, praeposuit uersum, dicens: Vltima Cumaei iam uenit carminis aetas. Cumaeum autem carmen Sibyllinum esse nemo dubitauerit.¹³

Portanto, houve também profetas que não eram seus, nos quais também se encontram algumas coisas que cantaram sobre o que ouviram a respeito de Cristo, como se diz inclusive sobre a Sibila; no que eu não acreditaria facilmente, não fosse o fato de que um certo poeta, dos mais nobres na língua romana, antes de dizer aquelas coisas sobre a renovação da era — que parecem harmonizar e convir suficientemente com o reino de nosso Senhor Jesus Cristo —, antepôs um verso, dizendo: “Vem já a última era do canto de Cumas”. Ora, ninguém duvidaria que o canto de Cumas seja o sibilino.

Agostinho diz que há profetas fora da linhagem hebraica do Antigo Testamento, e os associa ao anúncio da vinda de Cristo. Ele concede que a Sibila de Cumas foi uma profetisa, sem, no entanto, elaborar como ela pôde ter acesso a essa profecia. Ele diz somente que cantaram sobre “coisas que ouviram” (“*audita*”). Mais: seria difícil crer nisso, não fosse pelo fato de que o “poeta dos mais nobres em língua romana” afirmou a origem sibilina das “coisas sobre a renovação da era”.

Esse procedimento nos lembra o de Constantino na *Oratio*, que valida a Sibila pelo testemunho de Virgílio: uma vez que Virgílio falou da “renovação da era”, a qual parece concordar com o reino de Jesus, e antepôs ao poema a fonte sibilina, a Sibila é então autorizada como profetisa. Em outras palavras, a *Quarta Bucólica* é uma profecia **sibilina** de Cristo. Conquanto seja lugar-comum na bibliografia dizer-se que Agostinho via a

¹³ Agostinho, *Ep. Rm. Inch.* 3. In: HADAS, Daniel. “Christians, Sibyls and Eclogue 4”. *Recherches Augustiniennes et Patristiques*, v. 37, 2013, p. 113.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

origem do conteúdo profético da bucólica não em Virgílio, mas na Sibila de Cumas,¹⁴ é pertinente nos questionarmos quanto ao desenvolvimento exato de seu argumento. Se a Sibila tinha uma autoridade profética independente, qual seria a necessidade de mobilizar Virgílio como testemunha ou continuador da tradição sibilina? Por que seria mais fácil crer que há profetas entre os pagãos após ler Virgílio? Talvez seja um argumento cronológico, como Constantino fizera: Virgílio veio antes de Cristo e registrou a profecia sibilina, que não poderia, portanto, ter sido forjada por cristãos, como acusavam os cétricos e os pagãos. Este é o argumento de Constantino. Mas não há indicação, na passagem de Agostinho, quanto a um fator cronológico. Parece, a nosso ver, que Virgílio desfruta de um outro tipo de autoridade, não meramente cronológica e, se não profética, pelo menos pessoal para Agostinho.

Nas suas quatro referências seguintes à *Quarta Bucólica*, Agostinho centraliza a sua atenção sobre os v. 13 e 14. A *Epístola 104* faz parte da correspondência entre Agostinho e Nectário, um pagão da elite da cidade de Calama, na Numídia. A razão para a correspondência foi um sério conflito entre pagãos e cristãos em junho de 408, quando uma celebração religiosa pagã, afrontando as leis imperiais de Teodósio e Honório, ocasionou um motim violento que resultou no incêndio de uma igreja, o assassinato de um clérigo cristão e a fuga desesperada do bispo local, Possídio.¹⁵ Nectário, agindo como patrono e representante dos interesses civis de sua cidade, escreve cartas a Agostinho (preservadas no epistolário agostiniano como epístolas 90 e 103) apelando à sua clemência cristã e ao “amor pátrio”, pedindo que o bispo intercedesse junto às autoridades imperiais para evitar punições severas, como execuções ou confiscos devastadores.

Agostinho, por sua vez, com a *Epístola 104*, representa um acirramento do discurso cristão: ele rejeita a impunidade, que considera nociva à alma dos culpados, pois a correção não se opõe à misericórdia cristã, mas a confirma, tendo como objetivo o bem

¹⁴ MACCORMACK, Sabine. *The shadows of poetry: Vergil in the mind of Augustine*. Los Angeles: University of California Press, 1998, p. 29.

¹⁵ GONÇALVES, J. M. “Paganismo e cristianismo na correspondência entre Agostinho de Hipona e Nectário de Calama”. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 10, n. 30, 2017, p. 35-36.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

daquele que é corrigido;¹⁶ ademais, argumenta que o verdadeiro amor pela pátria deve estar subordinado à busca pela cidadania na “pátria celeste”, adiantando o tema das “duas cidades” ao qual se dedicaria anos depois na *Cidade de Deus*.¹⁷ É nesse contexto que Agostinho, entre 409 e 410, diz:

Habes expositas in hac causa cogitationes et uota pectoris mei. Quid autem lateat in consilio Dei, fateor, homo sum, nescio: quidquid illud est, id est iustius, atque sapientius, et firmissime stabilitum, incomparabili excellentia prae omnibus mentibus hominum. Verum est quippe quod legitur in Libris nostris: Multae cogitationes sunt in corde uiri, consilium autem Domini manet in aeternum. Proinde quid tempus afferat, quid nobis facultatis aut difficultatis oriatur, quid postremo uoluntatis ex rerum praesentium, uel correctione, uel spe, subito possit existere, utrum Deus sic indignetur his factis, ut ea, quam petunt, impunitate magis seueriusque puniantur, an illo modo quo nobis placet coercendos misericorditer iudicet, an aliqua duriore, sed salubriore eorum praecedente correctione, nec ad hominum, sed ad suam misericordiam ueraci conuersione quidquid terroris praeparabatur, auertat et conuertat in gaudium, iam nouit ipse, nos autem ignoramus. Quid ergo hic ante tempus, inter nos ego et Praestantia tua frustra laboremus? Seponamus paululum curam cuius hora non est, et quod semper instat, si placet, agamus. Nudum enim tempus est, quo non deceat et oporteat agere, unde Deo placere possimus; quod in hac uita usque ad eam perfectionem impleri, ut nullum omnino peccatum insit in homine aut non potest, aut forte difficillimum est: unde praecisis omnibus dilationibus, ad illius gratiam confugiendum est, cui uerissime dici potest quod carmine adulatorio nescio cui nobili dixit, qui tamen ex Cumaeo, tamquam ex prophético carmine se accepisse confessus est:

Te duce, si qua manent sceleris uestigia nostri,
Irrita perpetua soluent formidine terras.¹⁸

Hoc enim duce, solutis omnibus dimissisque peccatis, hac uia ad coelestem patriam peruenitur, cuius habitatione cum eam tibi amandam, quantum potui, commendarem, admodum delectatus es.¹⁹

¹⁶ GONÇALVES, J. M. “Paganismo e cristianismo na correspondência entre Agostinho de Hipona e Nectário de Calama”, *op. cit.*, p. 51.

¹⁷ GONÇALVES, J. M. “Paganismo e cristianismo na correspondência entre Agostinho de Hipona e Nectário de Calama”. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 10, n. 30, 2017, p. 38.

¹⁸ VIRGÍLIO, *Bucólicas*, 4.13-14.

¹⁹ AGOSTINHO, *Ep.* 104.11.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

Tens aqui expostos os pensamentos e os desejos do meu coração nesta causa. O que, porém, se esconda no conselho de Deus, confesso (sou humano) que não sei: o que quer que seja, é o mais justo e o mais sábio, e firmemente estabelecido com incomparável excelência acima de todas as mentes dos homens. Pois é verdade o que se lê em nossos Livros: Muitos são os pensamentos no coração do homem, mas o conselho do Senhor permanece para sempre. Por conseguinte, o que o tempo trará, que facilidade ou dificuldade nos surgirá, que disposição de vontade poderá subitamente emergir diante da correção ou da esperança das coisas presentes; se Deus está de tal modo indignado com estes feitos que eles sejam punidos mais severamente pela própria impunidade que pedem, ou se julgará misericordiosamente que devam ser contidos da maneira que nos apraz, ou se, precedendo alguma correção mais dura porém mais salutar, e uma conversão verdadeira não aos homens, mas à Sua misericórdia, Ele afastará todo o terror que se preparava e o converterá em alegria, Ele próprio já o sabe, mas nós ignoramos. Por que, então, antes do tempo, trabalharíamos em vão aqui, eu e tua excelência, entre nós? Ponhamos de lado por um pouco a preocupação cuja hora não chegou e tratemos, se te apraz, daquilo que sempre urge. Pois não há tempo algum em que não convenha e importe agir de modo a podermos agradar a Deus; o que, nesta vida, ou não pode ser cumprido até aquela perfeição em que pecado algum habite no homem, ou talvez seja difícil: por isso, cortadas todas as dilações, deve-se refugiar na graça daquele a quem se pode dizer com toda a verdade o que alguém disse em poema adulator a não sei qual nobre, confessando, contudo, tê-lo recebido da canção cumana como de uma canção profética:

“Sob o teu comando, se restam quaisquer vestígios de nosso crime,
Tornados vãos, libertarão as terras do perpétuo medo”.

Pois sob este comando, desatados e perdoados todos os pecados, chega-se por este caminho à pátria celeste, de cuja habitação ficaste muito deleitado quando, tanto quanto pude, a recomendei ao teu amor.

A argumentação de Agostinho não se limita a uma disputa jurídica sobre as penalidades aplicadas aos cidadãos de Calama, mas constitui uma reflexão sobre a inescrutabilidade da vontade e justiça divinas e um exercício de redefinição da virtude cívica. Enquanto Nectário apela ao bispo em nome de uma misericórdia que preserve a paz civil e a tranquilidade de seus concidadãos, mesmo que reconheça seus erros como graves, Agostinho responde apelando para o plano teológico. Ele propõe que a utilidade de



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

uma sentença não está na manutenção da paz social, mas na sua capacidade de conduzir o indivíduo à salvação e no imperativo de “agradar a Deus”.

Ao insistir na inacessibilidade do *consilium Dei* por meio de um discurso de humildade (*homo sum, nescio*), o bispo desautoriza a pretensão humana de controlar os efeitos espirituais das decisões jurídicas, apresentando a alternativa entre impunidade e severidade como secundária diante da finalidade última: a conversão verdadeira à misericórdia divina.

Assim, a *correctio* ultrapassa o expediente disciplinar para tornar-se um instrumento pedagógico cujo objetivo é o direcionamento para a pátria celeste. É nesse ponto que a citação da *Quarta Bucólica* (vv. 13-14) serve como uma ponte com a *paideia* de Nectário. Agostinho ativa a leitura cristã da *Quarta Bucólica* como um texto “profético”, mas o faz com cautela; ele sabe que os versos pertencem originalmente a um *carmen adulatorium* dedicado a Polião²⁰ (o que Nectário também saberia). A operação hermenêutica agostiniana consiste em deslocar o *te duce* virgiliano de qualquer referente histórico concreto para Cristo. Sob este comando (*hoc enim duce*), os *sceleris vestigia* são dissolvidos pela remissão dos pecados, reinterpretando a libertação do “medo perpétuo” à luz da soteriologia cristã. O poema é, assim, integrado como um testemunho cultural que só encontra plenitude quando subordinado à economia divina, contrastando o *amor patriae* terreno de Nectário com a esperança definitiva da *patria caelestis*. Há procedimentos semelhantes nas epístolas seguintes.

O que distingue a *Epístola 137* das demais em sua alusão à *Quarta Bucólica* é o fato de que somente nela Agostinho cita Virgílio sem recorrer à Sibila. Essa epístola foi redigida como uma resposta às inquietações de Volusiano, um destacado senador romano que, em 411, questionava o bispo sobre a plausibilidade racional da Encarnação. No epistolário preservado, Volusiano revela a penetração da literatura clássica no debate

²⁰ Asínio Polião (75 a.C.-4 d.C.), importante figura política da Roma antiga. Cônsul em 40 a.C., foi também orador, poeta, historiador e fundador da primeira biblioteca pública de Roma, além de patrono de Virgílio e Horácio. Virgílio dedicou a Polião a *Quarta Bucólica*. A voz do poeta nos vv. 13-14 se dirige diretamente a Polião, dizendo que sob o comando deste terá a início a nova Idade de Ouro.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

religioso ao indagar se Maria teria de fato carregado Cristo por “dez longos meses”, aludindo textualmente à linguagem que Virgílio utilizara na *Quarta Bucólica* para descrever a mãe do *puer*. Como nota a historiografia,²¹ tal aplicação de uma fonte pagã ao mistério da Virgem sugere que Volusiano operava sobre um pano de fundo cultural onde a exegese cristã do poeta já era, em certa medida, familiar a cristãos e pagãos:

Miror, utrum mundi dominus et rector intemeratae feminae corpus impleuerit, pertulerit decem mensium longa illa fastidia mater²² et tamen uirgo enixa sit sollemnitate pariendi et tamen post haec uirginitas putatur intacta.²³

Admira-me se o senhor e regente do mundo teria preenchido o corpo de uma mulher imaculada, se a “mãe suportou aqueles longos incômodos de dez meses” e, no entanto, sendo virgem, deu à luz segundo o costume do parto e, contudo, depois disso, a virgindade seja considerada intacta.

Como questiona Hadas, teria Volusiano aplicado isto à Maria sem que esta fosse já uma prática disseminada?²⁴ Uma vez que Agostinho podia presumir que Volusiano estava familiarizado com os versos virgilianos, foi possível incorporá-los à sua resposta; não, porém, como o fundamento da sua argumentação:

Quod ergo ad magisterium eius attinet, quis nunc extremus idiota, uel quae abiecta muliercula non credit animae immortalitatem uitamque post mortem futuram? Quod apud Graecos olim primus Pherecydes Assyrius cum disputasset, Pythagoram Samium illius disputationis nouitate permotum ex athleta in philosophum uertit. Nunc ergo quod Maro ait, et omnes uidemus; Amomum Assyrium uulgo nascitur: quod autem ad adiutorium gratiae pertinet, quae in Christo est, ipse est omnino,

²¹ MACCORMACK, Sabine. *The shadows of poetry: Vergil in the mind of Augustine*. Los Angeles: University of California Press, 1998, p. 29.

²² Cf. VIRGÍLIO, *Bucólicas*, 4.61: *matri longa decem tulerunt fastidia menses* (“à mãe dez meses trouxeram longos incômodos”).

²³ *Ep.* 135.12. In: HADAS, Daniel. “Christians, Sibyls and Eclogue 4”. *Recherches Augustiniennes et Patristiques*, v. 37, 2013, p. 123. Volusiano alega estar repetindo a indagação de um conhecido.

²⁴ HADAS, Daniel. “Christians, Sibyls and Eclogue 4”. *Recherches Augustiniennes et Patristiques*, v. 37, 2013, p. 123.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

Quo duce si qua manent sceleris vestigia nostri,
Irrita perpetua solvent formidine terra.²⁵

No que, portanto, tange ao seu magistério [de Cristo], que extremo idiota agora, ou que mulherzinha abjeta não crê na imortalidade da alma e na vida futura após a morte? O que outrora, entre os gregos, tendo sido disputado primeiro por Ferécides Assírio, converteu Pitágoras Sâmio de atleta em filósofo pela novidade daquela disputa. Agora, portanto, ocorre o que diz Maro, e todos vemos: “O amomo assírio nasce em toda parte”,²⁶ no que, porém, pertence ao auxílio da graça, que está em Cristo, é Ele mesmo, em suma:

“Sob cujo comando, se permanecem vestígios de nosso crime,
tornados vãos, libertarão as terras do medo perpétuo”.²⁷

Agostinho está defendendo a veracidade da doutrina cristã da Encarnação, que é o “magistério” de Cristo no trecho citado. Ora, no mesmo trecho, é dito desse mistério que ele foi dito não só pelos Profetas, mas também por filósofos e poetas, os quais misturam verdades e falsidades:

... ut ea quae hic ante dicta sunt utiliter uera, non solum a Prophetis sanctis, qui omnia vera dixerunt, verum etiam a philosophis atque ipsis poetis, et cuiuscemodi auctoribus litterarum (quos multa vera falsis miscuisse quis ambigat?), illius etiam in carne praesentata confirmaret auctoritas, propter eos qui illa non possent in ipsa intima veritate cernere atque discernere: quae Veritas et antequam hominem assumeret, ipse aderat omnibus, qui eius participes esse potuerunt.²⁸

Para que aquelas coisas que antes foram ditas aqui como verdadeiras e úteis — não apenas pelos santos Profetas, que disseram todas as verdades, mas também pelos filósofos e pelos próprios poetas e por autores de literatura de todo gênero (quem duvidaria que estes misturaram muitas verdades com falsidades?) —, fossem confirmadas por Sua autoridade

²⁵ AGOSTINHO, *Ep.* 137.12.

²⁶ VIRGÍLIO, *Bucólicas*, 4.25.

²⁷ VIRGÍLIO, *Bucólicas*, 4.13-14.

²⁸ AGOSTINHO, *Ep.* 137.12.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

apresentada também na carne, por causa daqueles que não podiam cernir e discernir aquelas coisas na própria verdade íntima; verdade esta que, mesmo antes de assumir o homem, estava presente a todos os que puderam ser dela participantes.

Ou seja, nesse trecho, Agostinho desenvolve uma teoria da revelação ao apresentar a Encarnação como o selo de autoridade que valida e democratiza as intuições fragmentárias da *paideia* clássica. O argumento pressupõe que a verdade, preexistente à Encarnação, já se manifestava de modo verdadeiro e útil tanto nos profetas legítimos (os “profetas de Deus”, na linguagem do *Comentário a Romanos*) quanto em filósofos e poetas, embora nestes últimos aparecesse mesclada a falsidades. Ao introduzir a “autoridade apresentada na carne” (*in carne praesentata auctoritas*), o bispo justifica a vinda de Cristo como uma necessidade pedagógica para aqueles que, desprovidos de uma capacidade contemplativa puramente espiritual, não podiam discernir a verdade em sua pureza íntima. Daí o exemplo do “amomo assírio”: se o magistério de Cristo universalizou crenças antes restritas a uma elite de sábios, como a imortalidade da alma que transformou Pitágoras, foi porque a Encarnação conferiu uma evidência histórica sensível àquilo que a literatura pagã apenas lograra tatear. Isto é, agora até “idiotas e mulherzinhas” creem na imortalidade da alma; como dissera Maro, “o amomo assírio nasce por toda parte”.²⁹

Virgílio fornece a Agostinho a linguagem com a qual ilustrar a difusão da revelação. Assim, o cristianismo não é apresentado a Volusiano como uma ruptura com a tradição, mas como a confirmação definitiva que resgata o que há de verdadeiro nas fontes clássicas, subordinando-as à eficácia da revelação divina e ao comando de Jesus Cristo, sob quem os “vestígios de nossos crimes” são nulificados. Os crimes não são mais as guerras civis, e sim os pecados.

Finalmente, da terceira e última epístola só sabemos que data de depois do ano 395. Aqui, Agostinho resgata o conceito clássico de Cícero para celebrar a conversão de seu amigo de longa data, Marciano. Citando um famoso adágio ciceroniano (*amicitia est rerum humanarum et diuinarum cum beneuolentia et caritate consensio*³⁰), o bispo argumenta que a

²⁹ Cf. VIRGÍLIO, *Bucólicas*, 4.25.

³⁰ Cf. CÍCERO, *De amicitia*, 6.20.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

amizade genuína só se concretiza plenamente quando o consenso sobre as questões temporais e humanas é coroado pela unidade de pensamento acerca das realidades divinas. Para Agostinho, o vínculo que mantinham antes da adesão de Marciano ao cristianismo era incompleto e, em última análise, ilusório, pois carecia do fundamento em Cristo. Ao fundamentar a relação nos preceitos bíblicos do amor a Deus e ao próximo, Agostinho demonstra como a virtude cristã absorve e aperfeiçoa o ideal ético da *amicitia* latina, culminando seu apelo com o convite para que o amigo formalize sua entrada na Igreja através do batismo.³¹

Quod ut fiat, exhortor grauitatem et prudentiam tuam ut iam etiam fidelium Sacramenta percipias: decet enim aetatem, et congruit, quantum credo, moribus tuis. Memento quid mihi dixeris profecturo, comicum quidem de Terentio, recolens, uersum, sed tamen aptissimum et utilissimum:

Nunc hic dies uitam aliam affert, alios mores postulat.³²

Quod si ueraciter dixisti, sicut de te dubitare non debeo; iam profecto sic vivis ut sis dignus Baptismo salutari remissionem praeteritorum accipere peccatorum. Nam omnino non est cui alteri praeter Dominum Christum dicat genus humanum:

Te duce si qua manent sceleris uestigia nostri,
Irrita perpetua solvent formidine terras.³³

Quod ex Cumaeso, id est, ex Sibyllino carmine se fassus est transtulisse Virgilius; quoniam fortassis etiam illa uates aliquid de unico Salvatore in spiritu audierat, quod necesse habuit confiteri.³⁴

Para que isso ocorra, exorto a tua gravidade e prudência a que recebas agora também os sacramentos dos fiéis: pois convém à tua idade e harmoniza-se, tanto quanto creio, com os

³¹ TESKE, Roland. "Introduction". In: AGOSTINHO. *The works of Saint Augustine: Letters 211 - 270, 1- 29 (Epistulae)*. Nova Iorque: New City Press, 2005, p. 15, 194.

³² Cf. TERÊNCIO, *Andria*, 1.2.

³³ VIRGÍLIO, *Bucólicas*, 4.13-14.

³⁴ AGOSTINHO, *Ep.* 258.5.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

teus costumes. Lembra-te do que me disseste quando eu estava para partir, recordando aquele verso cômico de Terêncio, mas que é, contudo, sumamente apto e útil: “Este dia traz agora uma outra vida, exige outros costumes”.

Se disseste isso com verdade, como não devo duvidar de ti, certamente já vives agora de tal modo que sejas digno de receber, pelo batismo salutar, a remissão dos pecados passados. Pois não há absolutamente nenhum outro a quem o gênero humano possa dizer, exceto ao Senhor Cristo:

“Sob teu guia, se permanecem vestígios de nosso crime, tornados vãos, libertarão as terras do medo perpétuo.”

O que Virgílio confessou ter transferido da canção de Cumas, isto é, do canto sibilino; pois talvez também aquela profetisa tivesse ouvido no espírito algo sobre o único salvador, o que se viu na necessidade de confessar.

Voltamos aqui à origem sibilina do poema, em termos semelhantes aos do *Comentário* (pois a Sibila “ouviu no espírito algo do único salvador”). A conexão sibilina é reafirmada na última referência à bucólica na obra de Agostinho, na *Cidade de Deus*. No Livro 10, Agostinho polemiza contra Porfírio e estabelece uma crítica à teurgia neoplatônica, apontando a incoerência de Porfírio ao prescrever ritos purificatórios para a “alma espiritual” das multidões enquanto os considera desnecessários para a elite que vive pela “alma intelectual”. O bispo argumenta que tal purificação técnica é intrinsecamente insuficiente e perigosa, pois depende da mediação de entidades demoníacas incapazes de conferir a imortalidade.

Em oposição a esse sistema, Agostinho apresenta a Encarnação de Cristo como a única via de purificação integral, capaz de sanar a totalidade da natureza humana por meio da graça divina, e não de uma técnica ritualística. Para validar essa tese por meio da *paideia* clássica, ele recorre à *Quarta Bucólica* de Virgílio, sustentando que os versos sobre a extinção dos “vestígios do crime” representam uma verdade objetiva que o poeta, agindo como tradutor de oráculos da Sibila de Cumas, prefigurou ao vaticinar a necessidade de um Salvador. Assim, Agostinho subordina a autoridade da tradição profética pagã à eficácia soteriológica de Cristo, demonstrando que a plenitude da purificação almejada pela filosofia só se realiza na economia cristã.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

Non enim te decepisset, quem uestra, ut tu ipse scribis, oracula sanctum immortalemque confessa sunt; de quo etiam poeta nobilissimus poetice quidem, quia in alterius adumbrata persona, ueraciter tamen, si ad ipsum referas, dixit:

Te duce, si qua manent sceleris uestigia nostri,
Irrita perpetua soluent formidine terras.³⁵

Ea quippe dixit, quae etiam multum proficientium in uirtute iustitiae possunt propter huius uitae infirmitatem, etsi non scelera, scelerum tamen manere uestigia, quae non nisi ab illo Salvatore sanantur, de quo iste uersus expressus est. Nam utique non hoc a se ipso se dixisse Vergilius in Eclogae ipsius quarto ferme uersu indicat, ubi ait:

Ultima Cumaei uenit iam carminis aetas;³⁶
unde hoc a Cumaea Sibylla dictum esse incunctanter apparet.³⁷

Pois não te teria enganado aquele a quem os vossos próprios oráculos, como tu mesmo escreves, confessaram ser santo e imortal; sobre o qual também o nobilíssimo poeta disse, poeticamente decerto, porque disse figuradamente a respeito de outrem, contudo, de modo verdadeiro, se a Ele o referires:

“Sob teu comando, se permanecem vestígios de nosso crime,
tornados vãos, libertarão as terras do medo perpétuo.”

Pois ele disse aquelas coisas nas quais, mesmo para os que muito progridem na virtude da justiça, podem restar — devido à enfermidade desta vida —, se não crimes, contudo vestígios de crimes, os quais não são sanados senão por aquele Salvador de quem este verso foi extraído. Pois Virgílio indica que não disse isso por si mesmo por volta do quarto verso da sua própria bucólica, onde diz:

“Vem já a última idade do canto de Cumas.”
Donde aparece, sem hesitação, que isto foi dito pela Sibila de Cumas.

³⁵ VIRGÍLIO, *Bucólicas*, 4.13-14.

³⁶ VIRGÍLIO, *Bucólicas*, 4.4.

³⁷ AGOSTINHO, *De ciuitate Dei*, 18.47.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

A postura de Agostinho em relação à Sibila e à *Quarta Bucólica* de Virgílio é a de aceitar a possibilidade de revelações divinas fora da linhagem hebraica, enquanto visa a aproximar o patrimônio cultural latino da fé cristã. Embora Agostinho considerasse a possibilidade de os oráculos sibilinos serem genuínos, ele jamais os elevou ao estatuto de autoridade infalível ou testemunha oficial da Igreja, reservando tal papel exclusivamente às *Escrituras*.³⁸ No entanto, ele manteve a prática de identificar a figura de Cristo nos v. 13 e 14 do poema virgiliano, utilizando o texto como um terreno comum de diálogo com a elite pagã instruída.

Ao citar esses versos a correspondentes familiarizados com a poética latina, o bispo demonstrava domínio da cultura clássica para sugerir que elementos da tradição ancestral apontavam para a nova fé. Agostinho reconhecia explicitamente que Virgílio escrevera de modo poético (*poetice*), o que implicava o uso de uma linguagem figurada para referir-se a personagens históricos concretos, como é o caso de Asínio Polião. O autor não propunha uma interpretação integral do poema como uma alegoria cristã, como Constantino, nem afirmava que a criança mencionada na bucólica fosse Cristo; em vez disso, ele sustentava que Virgílio tomou emprestadas palavras da Sibila de Cumas para seus próprios fins encomiásticos.

Assim, na exegese agostiniana, a aplicação de termos messiânicos a Polião não invalidava a origem profética do conteúdo, permitindo que o “comando” (*te duce*) fosse transferido de seu referente político original para Cristo. Essa operação hermenêutica, uma *apropriação*,³⁹ objetivava mostrar que a autoridade de Cristo confirmava as intuições mais elevadas da cultura clássica, sem negar o contexto literário e histórico em que o poeta operava.

³⁸ No livro 18 da *Cidade de Deus*, há uma discussão mais aprofundada sobre o papel da Sibila. As profecias dos estrangeiros (isto é, daqueles de fora da nação de Israel) são tratadas como um “excedente” (“*cumulus*”), pois não faltaria nada à revelação original, ainda que se aceite que “este mistério” (“*hoc mysterium*”) foi revelado a eles também. Cf. *De civ. Dei* 18.47.

³⁹ Nos termos de Hardwick (HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 9-10), uma apropriação é a tomada de uma imagem ou texto antigo e seu uso para o sancionamento subsequente de ideias ou práticas.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

II. Agostinho à sombra de Virgílio

Por que retornar tão insistentemente à *Quarta Bucólica*? Com exceção do *Comentário*, todos esses textos se destinavam a pessoas fora da Igreja: Nectário era um pagão; Volusiano, um curioso com parentes cristãos; Marciano, embora decidido a se tornar cristão, ainda não tinha aceitado o batismo; finalmente, a *Cidade de Deus* se dirige aos “inimigos, contra os quais deve ser defendida a cidade de Deus” ([...] *inimici, adversus quos defendenda est Dei civitas*⁴⁰). Assim, a *Quarta Bucólica* lhe serviu como terreno comum no diálogo com não cristãos instruídos.⁴¹

Por isso, não surpreende que Agostinho tenha se utilizado de seu vasto repertório clássico para atingir seus objetivos e que Virgílio figure entre as suas principais referências. Virgílio foi, não por acaso, companhia constante do bispo africano ao longo de toda a sua vida. Parte fundamental do “currículo” antigo era Virgílio, *quem propterea paruuli legunt, ut uidelicet poeta magnus omniumque praeclarissimus atque optimus teneris ebibitus animis non facile obliuione possit aboleri*⁴² (“o qual as crianças leem por este motivo: para que, sendo um grande poeta e o mais ilustre e excelente de todos, uma vez bebido por suas mentes tenras, não possa ser facilmente apagado pelo esquecimento”). Agostinho fora educado segundo um modelo educativo dentro do qual se aprendia Virgílio de cor e não raramente se faziam declamações sobre temas virgilianos.⁴³

Além de Virgílio, Cícero, Salústio e Terêncio também eram estudados em detalhe,⁴⁴ e o objetivo da *paideia* permanecia ainda inalterado há 800 anos: aprender as palavras e adquirir a eloquência necessária para a persuasão.⁴⁵ Essa educação informou o método

⁴⁰ AGOSTINHO, *De ciuitate Dei*, 1.1.

⁴¹ HADAS, Daniel. “Christians, Sibyls and Eclogue 4”. In: *Recherches Augustiniennes et Patristiques*, v. 37, 2013, p. 121.

⁴² AGOSTINHO, *De ciuitate Dei*, 1.3.

⁴³ MACCORMACK, Sabine. *The shadows of poetry: Vergil in the mind of Augustine*. Los Angeles: University of California Press, 1998, p. 84.

⁴⁴ BROWN, Peter. *Augustine of Hippo: a biography*. Los Angeles: University of California Press, 2000, p. 24.

⁴⁵ BROWN, Peter. *Augustine of Hippo: a biography*, *op. cit.*, p. 24. Cf. *Conf.* 1.16.26: *Hinc verba discuntur, hinc adquiritur eloquentia rebus persuadendis sententiisque explicandis maxime necessaria* (“Daqui se aprendem as



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

exegético de Agostinho quando ele se voltou para o estudo das *Escrituras*. Em sua juventude, Agostinho aprendera que em Virgílio todos os versos eram admiráveis e perfeitamente bem dispostos; já adulto, o mesmo tratamento é dado às *Escrituras*: cada elemento do texto sagrado possui uma adequação semântica exata à sua finalidade.⁴⁶ Educado segundo a *paideia* clássica, era capaz de anunciar a mensagem cristã a qualquer romano instruído nos termos da sua cultura literária comum.⁴⁷

A relação de Agostinho com Virgílio, no entanto, foi ambivalente. Pode-se dizer que a Agostinho respirou Virgílio durante toda a sua vida: aprendeu a ler o poeta quando menino, ensinou-o enquanto professor de retórica, e citou-o intermitentemente ao longo de sua carreira. No entanto, numa fase tardia e em contextos polêmicos, chegou a deplorar o efeito de Virgílio e sua representação dos deuses.⁴⁸

Agostinho, antes de sua conversão ao cristianismo, foi professor de retórica em Tagaste (sua cidade natal na Numídia, atual Argélia), Cartago, Roma e Milão. Sua mudança da capital para Milão se deve ao patrocínio de Símaco, sob influência de maniqueístas que não desejavam que um cristão ocupasse uma posição tão importante. Àquela altura, o professor de retórica de Milão, importante cidade do Império Ocidental,⁴⁹ estaria encarregado dos panegíricos do Imperador e dos cônsules do ano.⁵⁰ No fervilhante ambiente cultural de Milão, Agostinho descobriu que os sermões cristãos podiam ser eruditos.⁵¹ Foi enviado a Milão pelo pagão Símaco, e lá encontrou o bispo Ambrósio, depois confessando: “e cheguei a Milão, ao bispo Ambrósio... Eu era conduzido a ele por Ti, sem o saber, para que por ele fosse conduzido a Ti conscientemente (*et veni*

palavras, daqui se adquire a eloquência sumamente necessária para persuadir sobre os fatos e expor os pensamentos”).

⁴⁶ BROWN, Peter. *Augustine of Hippo: a biography*. Los Angeles: University of California Press, 2000, p. 25.

⁴⁷ BROWN, Peter. *Augustine of Hippo: a biography*, *op. cit.*, p. 25.

⁴⁸ WILLS, Garry. “Vergil and St. Augustine”. In: FARRELL, Joseph; PUTNAM, Michael C. J. (ed.). *A companion to Vergil's Aeneid and its tradition*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2010, p. 128.

⁴⁹ BROWN, Peter. *Augustine of Hippo: a biography*, *op. cit.*, p. 60.

⁵⁰ BROWN, Peter. *Augustine of Hippo: a biography*, *op. cit.*, p. p. 58.

⁵¹ AGOSTINHO, *Confessiones*, 5.13.23.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

*Mediolanum ad Ambrosium episcopum... Ad eum autem ducebar ab te nesciens, ut per eum ad te sciens ducerer*⁵²).

Em Ambrósio — outra figura fundamental do cristianismo latino, não menos erudito e formado segundo a *paideia* clássica — Agostinho encontrou quem o acolhesse de modo paternal (*paterne*) e suficientemente episcopal (*satis episcopaliter*⁵³). Sabemos que a figura de Ambrósio causou profunda impressão sobre Agostinho, a ponto de um de seus biógrafos dizer que nenhuma outra figura exerceu tamanha influência sobre a vida de Agostinho quanto Ambrósio.⁵⁴

Foi o bispo de Milão quem o batizou numa vigília pascal (24/25 de abril de 387), após tê-lo instruído diariamente durante o catecumenato, tarefa que então cabia aos bispos. O rito de batismo em Milão era dramático. Àquela altura, o elemento iniciático⁵⁵ da fé cristã era muito mais saliente: os catecúmenos e não batizados ainda eram despedidos no meio da liturgia, para que não apenas não tomassem parte, mas nem sequer **vissem** a celebração eucarística; o Pai Nosso e o Credo não eram “entregues”⁵⁶ aos catecúmenos até poucos dias antes do batismo;⁵⁷ as próprias ações do rito⁵⁸ (conhecidas pelos batizados antes do rito somente em seus detalhes mais gerais, como a imersão

⁵² AGOSTINHO, *Confessiones*, 5.13.23.

⁵³ AGOSTINHO, *Confessiones*, 5.13.23.

⁵⁴ BROWN, Peter. *Augustine of Hippo: a biography*, *op. cit.*, p. 77.

⁵⁵ Os tratados catequéticos dos séculos IV e V no-lo demonstram claramente; destes, o mais importante é a série de *Catequeses* de Cirilo de Jerusalém. Refletindo a prática da Terra Santa desse princípio iniciático, Cirilo insiste nas *Catequeses pré-batismais* sobre a melhora moral e os temas fundamentais do Credo, enquanto somente nas *Catequeses mistagógicas* (ministradas após o batismo) é que se explica o significado místico dos ritos de iniciação cristã.

⁵⁶ A “entrega” do Credo (o “símbolo de fé”, Τὸ Σύμβολο τῆς Πίστεως) era chamada de *traditio symboli*. Agostinho é uma das testemunhas da prática. Ver SARDA, Odette. “La ‘traditio/redditio symboli’ dans le catéchuménat d’hier et d’aujourd’hui”. In: *Lumen Vitae*, v. 64, n. 1, 2009, p. 39.

⁵⁷ Para a “entrega” do Pai Nosso e outras disciplinas do catecumenato em Milão, v. BROWN, Peter. *Augustine of Hippo: a biography*, *op. cit.*, p. 117.

⁵⁸ Para uma descrição do rito de iniciação em Milão segundo Ambrósio, v. SRAWLEY, J. H. “Introduction”. In: AMBRÓSIO. *On the sacraments and On the mysteries*. Londres: SPCK Publishing, 1950, p. 1-46.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

numa fonte) — ricas de simbolismo em torno do despojamento das vestes antigas e o revestimento com a túnica branca, da descida à fonte como participação na morte de Cristo e a subsequente emersão como imagem da ressurreição — sugerem um ambiente de mistério. Como o próprio Ambrósio disse em uma de suas catequeses mistagógicas (isto é, pós-batismais), *non ergo solis corporis tui credas oculis: magis uidetur quod non uidetur; quia istud temporale, illud aeternum aspicitur, quod oculis non comprehenditur, animo autem ac mente cernitur*⁵⁹ (“não creias, portanto, apenas nos olhos do teu corpo: vê-se melhor o que não se vê; pois isto que é temporal é percebido pelos olhos, mas aquilo que é eterno não é compreendido pelos olhos, sendo discernido pela alma e pela mente”).

Uma descrição da cena do batismo feita por Brown⁶⁰ mostra o caráter transcendental da experiência. Agostinho teria sido conduzido ao batistério junto aos demais *competentes* (aqueles que haviam requisitado o batismo), de todas as idades e ambos os sexos. Cada um passaria por trás de uma cortina e desceria, completamente nu, a um tanque de água. O bispo Ambrósio, com as mãos sobre os ombros do batizando, efetuaría a tripla imersão. Em seguida, saindo da fonte, o neófito vestiria uma túnica branca, e dali seria levado para a basílica principal, onde se celebrava a liturgia da Ressurreição. Os atos litúrgicos corporificam e encarnam as realidades espirituais: tanto o despír-se do “homem velho” para “vestir-se do novo”, quanto a ideia de sepultamento (por meio da descida à fonte batismal) e ressurreição (por meio da emersão).

Agostinho, um homem já dado à contemplação e à introspecção, seria definido pela sua conversão, abandonando a carreira de professor de retórica e dedicando o restante de sua vida ao serviço eclesial. No entanto, se o seu batismo não lhe causou ansiedades imediatas quanto ao uso legítimo de autores pagãos, a sua eleição para o trono episcopal de Hipona (por volta de 395) deu início a uma fase intermediária de sua vida durante a qual, momentaneamente, Agostinho renuncia a Virgílio e à erudição pagã, pois, como bispo, queria que seu povo e seus leitores se dedicassem à leitura e estudo da Bíblia.⁶¹ Durante sua trajetória na África, os textos bíblicos assumiram a primazia na definição

⁵⁹ AMBRÓSIO, *De mysteriis*, 3.15.

⁶⁰ BROWN, Peter. *Augustine of Hippo: a biography*, *op. cit.*, p. 118.

⁶¹ WILLS, Garry. “Vergil and St. Augustine”. In: FARRELL, Joseph; PUTNAM, Michael C.J. (ed.). *A companion to Vergil's Aeneid and its tradition*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2010, p. 129.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

dos temas e formas de reflexão do bispo de Hipona, enquanto as referências virgilianas e clássicas, embora presentes, deixaram de ocupar o eixo central de sua atividade intelectual.⁶² Num recolhimento feito por Wills,⁶³ é nessa fase que, nos escritos agostinianos, Virgílio deixa de ser “nosso poeta”, para se tornar “o poeta deles” (ou “vosso”, quando se dirigia a romanos não cristãos).⁶⁴

III. O retorno a Virgílio

Como resposta à queda de Roma, Agostinho ridiculariza o sistema politeísta de Virgílio, tanto pelas suas paixões demasiadamente humanas, quanto pela sua evidente incapacidade de proteger Roma. Ora, esses deuses foram trazidos a Roma por Eneias após terem falhado em proteger Troia: *neque enim homines a simulacro, sed simulacrum ab hominibus servabatur. Quo modo ergo colebatur, ut patriam custodiret et ciues, quae suos non ualuit custodire custodes?*⁶⁵ (“de fato, não eram os homens que eram guardados pelo simulacro,⁶⁶ mas o simulacro pelos homens. Como, portanto, era ela [Minerva] adorada para que guardasse a pátria e os cidadãos, ela que não valeu para guardar os seus próprios guardiões?”).

No *Sermão 105*, Agostinho imagina um Virgílio se desculpando pela promessa de Júpiter de que Roma jamais cairia, chamando o poeta de *uenditor uerborum* (“vendedor de palavras”). É um título duro, que, no entanto, Agostinho aplicara a si mesmo enquanto

⁶² MACCORMACK, Sabine. *The shadows of poetry: Vergil in the mind of Augustine*. Los Angeles: University of California Press, 1998, p. 228.

⁶³ WILLS, Garry. “Vergil and St. Augustine”. In: FARRELL, Joseph; PUTNAM, Michael C.J. (ed.). *A companion to Vergil's Aeneid and its tradition*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2010, p. 129.

⁶⁴ *Poeta illorum* (*De ciu. Dei* 5.12; *Serm.* 105.10, 374.2); *poeta ipsorum* (*Serm.* 81.9); *auctor ipsorum* (*Serm.* 241.5); *poeta uestrarum litterarum* (*Epist.* 91.2). Agostinho só retorna a Virgílio em 410, como resposta ao saque de Roma pelo exército visigodo de Alarico, agora para fins apologéticos.

⁶⁵ AGOSTINHO, *De ciuitate Dei*, 1.2.

⁶⁶ “Simulacro”: Agostinho aqui está comentando a *En.* 1.67-68, em que Eneias aparece levando de Troia para a Itália os “penates”. Em nota de rodapé, João Angelo de Oliva Neto diz acerca da palavra *penates* no verso: “empregado como substantivo comum, o termo designa as pequenas imagens que Eneias leva consigo” (v. Virgílio, *Eneida*, 2016, p. 79). É a leitura de Agostinho.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

orador,⁶⁷ pois já tinha assimilado a crítica cristã à retórica como uso dissimulado de mentiras.⁶⁸

Embora não pudesse reconciliar confortavelmente Virgílio e a fé cristã, a memória de Virgílio jamais deixou Agostinho. Em diversas ocasiões ele elogia o “mais nobre verso de Virgílio” (*nobilissimus Vergilii uersus*): *felix qui potuit rerum cognoscere causas* (“feliz quem pôde conhecer as causas das coisas”).⁶⁹

Agostinho nunca se ocupou de estabelecer uma interpretação sistemática de Virgílio; antes, a presença de Virgílio era como uma “sombra”, na expressão de Sabine MacCormack, que se estendia sobre toda a vida do bispo. Não havia ocasião — seja em interlocuções com cristãos ou pagãos, sermões, tratados ou comentários — que não pudesse ser refinada com um verso de Virgílio.

A questão mais ampla do interesse de Agostinho pelo passado clássico pagão tem atraído atenção desde o Renascimento,⁷⁰ e é por conveniência que podemos falar em *Saint Augustin et la fin de la culture antique*, o famoso título da obra de Henri-Irénée Marrou. Para Agostinho, no entanto, Virgílio e o passado pagão ainda eram forças vivas e dinâmicas, ainda que em franca decadência; perder isso de vista é, para Brown,⁷¹ uma limitação, pois nos força a tentar decifrar quais teriam sido as “influências” de um sobre o outro.

Essa abordagem baseada na busca por “influências” isoladas corre o risco de reduzir a complexidade da mente agostiniana a um jogo de soma zero, no qual o avanço da fé exigiria necessariamente o recuo da cultura clássica. Ao tratar Virgílio apenas como um substrato acadêmico a ser superado ou uma fonte de citações ornamentais, perde-se a dimensão simbiótica da relação entre Agostinho e a cultura clássica dentro da qual foi educado. A fraqueza dessa limitação reside em separar o que, para Agostinho, era uma

⁶⁷ AGOSTINHO, *Confessiones*, 9.13.

⁶⁸ AGOSTINHO, *Confessiones*, 7.9.

⁶⁹ *De ciu. Dei* 7.9, 30; *Enchir.* 5.16; *Geo.* 2.490.

⁷⁰ BROWN, Peter. *Augustine of Hippo: a biography*, *op. cit.*, p. 496.

⁷¹ BROWN, Peter. *Augustine of Hippo: a biography*, *op. cit.*, p. 498.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

unidade de consciência: a tentativa de separar o bispo africano do professor de retórica pressupõe uma ruptura que o próprio texto agostiniano desmente; seria uma ruptura na própria pessoa de Agostinho. Caminhos alternativos para compreender essa relação exigiriam que olhássemos para Virgílio não como uma influência externa, mas como o próprio léxico por meio do qual Agostinho pôde articular sua experiência do sagrado em ocasiões pontuais. Virgílio fornece cenas e temas fundamentais que Agostinho ressignifica e refigura.⁷²

Assim, a relação com o passado clássico não deve ser lida como um inventário de empréstimos, mas como um diálogo. Em vez de “transição” do mundo clássico para o cristão, como se para Agostinho o conteúdo da sua educação não passasse de itens de museu, talvez seja mais exato falar numa reorganização estrutural de símbolos, ritos, temas, sensibilidades e instituições, ocasionada pelo advento da fé cristã no seio do Império Romano; em vez de uma demarcação rígida, um gradiente.

Mas Agostinho é uma figura conveniente: quem melhor ilustraria a passagem do mundo antigo para o medieval? O fim de Roma, para ele, não era uma questão abstrata sobre o esvaziamento simbólico dos ritos religiosos, ou a deterioração das instituições, ou o abandono do *mos maiorum*. Agostinho viu o saque de Roma de 410 pelos visigodos com

⁷² O caso mais famoso de uma cena virgiliana dentro de um relato agostiniano é a comparação entre Dido e Mônica, mãe de Agostinho, especificamente no episódio da partida de Agostinho para a Itália (*Conf.* 5.15). Ao descrever como enganou a mãe para fugir de Cartago — “*fēfelli eam, uiolenter me tenentem ut aut reuocaret aut mecum pergeret*” (“enganei-a, enquanto ela se agarrava a mim com toda a força, fosse para me fazer voltar, fosse para seguir comigo”) —, Agostinho evoca, sem necessidade de citações diretas, o arquétipo da deserção de Eneias em relação a Dido. O mesmo Agostinho que, na infância, chorava a morte da rainha cartaginesa movida pelo abandono do herói troiano, vê-se agora encenando uma “fuga” análoga, embora sob o pretexto de uma direção divina (à época, maniqueísta). Para a audiência de Agostinho, educada no domínio da *Eneida*, a sobreposição entre a dor de Mônica na costa africana e o desespero de Dido era inescapável enquanto reiteração dramática da épica virgiliana. É um momento de eco intertextual. Àquela altura Agostinho pensava que seus deuses maniqueístas o estavam levando a Roma; mais tarde, atribui o movimento à providência divina, pois em Roma conheceu Símaco, que o recomendou para a corte imperial em Milão, onde conheceu Ambrósio. V. WILLS, Garry. “Vergil and St. Augustine”. In: FARRELL, Joseph; PUTNAM, Michael C. J. (ed.). *A companion to Vergil's Aeneid and its tradition*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2010, p. 125.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

não menos choque que seus colegas cristãos que entendiam a manutenção do império romano como condição para a própria existência do cristianismo.⁷³ É então que ele profere seus primeiros sermões sobre a queda de Roma, quando o norte da África ainda parece resistir às invasões bárbaras. Vinte anos depois, os vândalos chegam à Numídia, e Agostinho morre em 430 após dois meses de cerco em Hipona.⁷⁴

Ora, Agostinho era um romano, como salienta Marrou.⁷⁵ O latim não era apenas a sua língua de cultura, mas a sua língua materna; sua África era uma África latina; nasceu cidadão romano; sentia-se herdeiro não do passado púnico, mas de Roma. E, como romano, o “fim de Roma” foi para ele uma questão existencial. Os sermões proferidos após o saque de 410 lhe deram ocasião de refletir sobre a transitoriedade dos reinos terrenos, o exercício da paciência em face da tribulação e a esperança da vida eterna no reino dos céus, no lugar da confiança na *Roma aeterna*. Agostinho quer tanto consolar seus correligionários e compatriotas num momento de grande calamidade quanto refutar aqueles que atribuíam o saque aos cristãos, que teriam abandonado os deuses que protegeriam a cidade até então.⁷⁶

Como romano, Agostinho revela um desejo de que esse não seja, realmente, o fim de Roma:

Non ergo deficiamus, fratres: finis erit terrenis omnibus regnis. Nunc si finis est, Deus uidet. Forte enim nondum est, et infirmitate quadam, uel misericordia, uel miseria hoc optamus, ut nondum sit: numquid tamen ideo non erit? Fugite spem in Deum, aeterna concupiscite, aeterna exspectate. Christiani estis, fratres, christiani sumus. Non ad delicias Christus in carnem descendit.⁷⁷

⁷³ URBANO, Carlota Miranda. “Introdução”. In: AGOSTINHO. *O De excidio Urbis e outros sermões sobre a queda de Roma*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2010, p. 18.

⁷⁴ URBANO, Carlota Miranda. “Introdução”. In: AGOSTINHO. *O De excidio Urbis e outros sermões sobre a queda de Roma*, *op. cit.*, p. 14.

⁷⁵ MARROU, Henri-Irénée. *Saint Augustin et l'augustinisme*. Paris: Éditions du Seuil, 2003, p. 15-16.

⁷⁶ URBANO, Carlota Miranda. “Introdução”. In: AGOSTINHO. *O De excidio Urbis e outros sermões sobre a queda de Roma*, *op. cit.*, p. 20.

⁷⁷ AGOSTINHO, *Serm.* 105, 8.11.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

Não desfaleçamos, portanto, irmãos: haverá um fim para todos os reinos terrenos. Se o fim é agora, Deus o sabe. Pois talvez ainda não o seja e, por uma certa fraqueza, ou misericórdia, ou miséria, desejamos que ainda não o seja; mas, por causa disso, deixará ele de existir? Fixai a esperança em Deus, cobiçai as coisas eternas, esperai pelas coisas eternas. Sois cristãos, irmãos, somos cristãos. Cristo não desceu à carne para as delícias.

Mas, como cristão, Agostinho não identifica Roma com a cidade de Deus. Ela pode ser, no máximo, imagem da cidade celeste, por uma participação tipológica. Enquanto obra humana, Roma *pode* estar em vias de cair e, eventualmente, cairá. Mas, para Agostinho, os romanos são Roma.⁷⁸ A cidade pode também subsistir em seus cidadãos. Agostinho responde à catástrofe por meio da elaboração de uma nova *aretê*, fundamentada no exercício de virtudes como a *humilitas*, a *patientia*, a *caritas* e a *spes*, definidas em contexto cristão.⁷⁹ A destruição da cidade não deveria perturbar os cristãos, pois o sofrimento dos justos é uma provação e as tragédias são ocasião de exercício das virtudes, especialmente o cuidado mútuo.

Conclusão

Numa passagem comovente, Agostinho diz:

Ecce, inquit, christianis temporibus Roma perit. Forte Roma non perit: forte flagellata est, non interempta: forte castigata est, non deleta. Forte Roma non perit, si Romani non pereant. Non enim peribunt, si Deum laudabunt: peribunt, si blasphemabunt. Roma enim quid est, nisi Romani? Non enim de lapidibus et lignis agitur, de excelsis insulis et amplissimis moenibus. Hoc sic erat factum, ut esset aliquando ruiturum. Homo cum aedificaret, posuit lapidem super lapidem; et homo cum destrueret, expulit lapidem a lapide. Homo illud fecit, homo illud destruxit. Iniuria fit Romae, quia dicitur, Cedit? Non Romae, sed forte artifici eius. Conditori eius facimus iniuriam, quia dicimus, Roma ruit, quam condidit Romulus? Mundus casurus est, quem condidit Deus. Sed nec quod fecit homo, ruit, nisi quando uoluerit

⁷⁸ AGOSTINHO, *Serm.* 81, 9, *infra*.

⁷⁹ URBANO, Carlota Miranda. “Introdução”. In: AGOSTINHO. *O De excidio Urbis e outros sermões sobre a queda de Roma*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2010, p. 22.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

Deus; nec quod fecit Deus, ruit, nisi quando uoluerit Deus. Si enim hominis opus non cadit, sine uoluntate Dei, opus Dei quando potest cadere per uoluntatem hominis? Tamen et mundum fecit tibi Deus casurum; et ideo te condidit moriturum. Ipse homo ornamentum ciuitatis, ipse homo inhabitator, rector, gubernator ciuitatis, sic uenit ut eat, sic est natus ut moriatur, sic est ingressus ut transeat. Coelum et terra transibunt: quid ergo mirum, si aliquando finis est ciuitati? Et forte non modo finis est ciuitati: tamen aliquando finis erit ciuitati.⁸⁰

Eis que dizem: “nos tempos cristãos, Roma perece”. Talvez Roma não pereça: talvez tenha sido açoitada, não aniquilada; talvez castigada, não destruída. Talvez Roma não pereça, se os romanos não perecerem. Pois não perecerão, se louvarem a Deus; perecerão, se blasfemarem. Pois o que é Roma senão os romanos? Não se trata de pedras e madeiras, de edifícios elevados e de amplíssimas muralhas. Isso foi feito de tal modo que haveria de ruir algum dia. Quando o homem edificou, pôs pedra sobre pedra; e quando o homem destruiu, separou pedra de pedra. O homem o fez, o homem o destruiu. Faz-se uma injúria a Roma quando se diz: “caí”? Não a Roma, mas talvez ao seu artífice. Fazemos injúria ao seu fundador quando dizemos: “ruiu Roma, que Rômulo fundou”? O mundo há de cair, o qual Deus criou. Mas nem o que o homem fez rui, exceto quando Deus quer; nem o que Deus fez rui, exceto quando Deus quer. Pois se a obra do homem não cai sem a vontade de Deus, quando poderia a obra de Deus cair pela vontade do homem? Contudo, Deus fez também para ti o mundo destinado a cair; e por isso te criou destinado a morrer. O próprio homem, ornamento da cidade, o próprio homem, habitante, regente e governador da cidade, veio para que se vá, nasceu para que morra, entrou para que passe. O céu e a terra passarão: que há de estranho, portanto, se em algum momento chega o fim para a cidade? E talvez não seja agora o fim para a cidade; contudo, algum dia haverá um fim para a cidade.

Mesmo aqui Agostinho não deixa de retornar a Virgílio. Antecipando a polêmica de abertura da *Cidade de Deus*, na sequência ele recorda que os deuses de Roma eram “deuses vencidos”, trazidos por Eneias porque falharam em proteger Troia.

Inducitur a poeta ipsorum Iuno irascens Aeneae et Troianis fugientibus, et dicit:

Gens inimica mihi Tyrrhenum nauigat aequor

⁸⁰ AGOSTINHO, *Serm.* 81, 9.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

Ilium in Italiam portans uictosque Penates;⁸¹

id est, deos uictos portans secum in Italiam. Iam quando dii in Italiam uicti portabantur, numen erat, an omen? Diligite ergo legem Dei, et non sit uobis scandalum. Rogamus uos, obsecramus uos, exhortamur uos, estote mites, compatimini patientibus, suscipite infirmos: et in ista occasione multorum peregrinorum, egentium, laborantium, abundet hospitalitas uestra, abundant bona opera uestra. Quod iubet Christus, faciant Christiani, et tantum suo malo blasphemant Pagani.⁸²

O poeta deles introduz Juno irada com Eneias e com os troianos que fugiam, e ela diz:

“Uma gente inimiga de mim navega pelo mar Tirreno,
levando Ílion para a Itália e os penates vencidos”;

isto é, levando consigo para a Itália deuses vencidos. Ora, quando deuses vencidos eram levados para a Itália, isso era um nune ou um agouro? Amaí, portanto, a lei de Deus e que não haja para vós escândalo. Rogamos-vos, imploramos-vos, exortamos-vos: sede mansos, compadecei-vos dos que padecem, acolhei os enfermos; e, nesta ocasião de tantos peregrinos, necessitados e sofredores, que abunde a vossa hospitalidade, que abundem as vossas boas obras. O que Cristo ordena, que o façam os cristãos; e que os pagãos blasfemem apenas para o seu próprio mal.

Agostinho é menos categórico do que se poderia esperar. Ele não tenta descobrir o “*consilium Dei*”; dá-se por satisfeito refutando a acusação dos pagãos de que a culpa era dos cristãos. Ele não dá respostas que vão além do exercício ascético da paciência, mas urge os cristãos à caridade e à hospitalidade. Aqui, Virgílio é “*poeta ipsorum*” não porque era romano, mas porque era pagão. Se afirmamos, por conveniência, de uma vitória do cristianismo sobre o mundo romano pagão, não é porque os cristãos romanos jamais celebraram o fim do Império (àquela altura, cristão) como ocasião de enterrar o passado e se aproveitar do vácuo institucional.

⁸¹ VIRGÍLIO, *Eneida*, 1.67-68.

⁸² AGOSTINHO, *Serm.* 81, 9.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

A resposta melancólica e escandalizada dos cristãos frente ao saque de Roma mostra, na verdade, que os cristãos tinham sido plenamente integrados a Roma, que se sentiam romanos e que, paradoxalmente, partilhavam da mesma angústia metafísica que seus vizinhos pagãos diante da fragilidade da *Urbs*.

A integração de Agostinho à cultura latina era tão profunda que Virgílio, embora agora rotulado como “poeta deles” para fins de diferenciação teológica, permanecia como parte fundamental de sua sensibilidade e linguagem. Ao desconstruir a divindade dos *penates* troianos, que precisaram ser carregados por um Eneias fugitivo, Agostinho não o faz para celebrar o colapso das instituições romanas, mas para redirecionar a lealdade de um povo que já se sentia herdeiro legítimo dessa cultura.

O escândalo cristão residia no fato de que, tendo se tornado um “homem novo” pelo batismo, o fiel ainda habitava o corpo de um cidadão romano cuja identidade terrena se desfazia à medida que o Império ruía. Assim, o bispo de Hipona recorda que a cidade é feita de pessoas e não de pedras, e que a verdadeira romanidade cristã deveria ser provada na hospitalidade para com os peregrinos e necessitados.

Fontes

AGOSTINHO, S. *Aurelii Augustini Opera Omnia: Patrologiae Latinae Elenchus*.

AMBRÓSIO. *De mysteriis*.

EUSÉBIO. *Constantini imperatoris oratio ad coetum sanctorum*. Heikel, Ivar (ed.). Leipzig: Hinrichs, 1902. [Perseus Digital Library](#).

LACTÂNCIO. *Opera omnia: Pars I: Divinae Institutiones et Epitome Divinarum Institutionum* (ed.: Samuel Brandt e Georgius Laubmann). Praga; Viena; Leipzig: F. Tempsky; G. Freytag, 1890. [Perseus Digital Library](#).

VIRGÍLIO. *Eneida* (trad.: Carlos Alberto Nunes; apres. e notas: João Angelo Oliva Neto). São Paulo: Ed. 34, 2016.

VIRGÍLIO. *Bucólicas* (fixação, tradução e comentário do texto latino: Frederico Lourenço). Lisboa: Quetzal Editores, 2021.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 42 (2026/1)

The rise and fall of Western tradition – from Classical Greece to the Rococo of the Ancien Régime
L'auge i la caiguda de la tradició occidental: des de la Grècia clàssica fins al rococó de l'Antic Règim
El ascenso y la caída de la tradición occidental: desde la Grecia clásica hasta el rococó del Antiguo Régimen
Ascensão e queda da tradição ocidental – da Grécia Clássica ao Rococó do Antigo Regime

Jan-Jun 2026
ISSN 1676-5818

Bibliografia citada

- BROWN, Peter. *Augustine of Hippo: a biography*. 2. ed. Los Angeles: University of California Press, 2000.
- DELUMEAU, Jean. “[Historia del milenarismo en Occidente](#)”. *Historia Crítica*, Bogotá, n. 23, 2002.
- GONÇALVES, J. M. “[Paganismo e cristianismo na correspondência entre Agostinho de Hipona e Nectário de Calama](#)”. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 10, n. 30, p. 33-54, 2017.
- HADAS, Daniel. “[Christians, Sibyls and Eclogue 4](#)”. *Recherches Augustiniennes et Patristiques*, v. 37, 2013, p. 51-129.
- HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- MACCORMACK, Sabine. *The shadows of poetry: Vergil in the mind of Augustine*. Los Angeles: University of California Press, 1998.
- MARROU, Henri-Irénée. *Saint Augustin et l'augustinisme*. Paris: Éditions du Seuil, 2003.
- MARTINDALE, Charles. *Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina I: de Paulo à era constantiniana*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- SARDA, Odette. “[La ‘traditio/redditio symboli’ dans le catéchuménat d’hier et d’aujourd’hui](#)”. *Lumen Vitae*, v. 64, n. 1, p. 37-47, jan. 2009.
- TESKE, Roland. “Introduction”. In: AGOSTINHO. *The works of Saint Augustine: Letters 211-270, 1-29 (Epistulae)*. Nova Iorque: New City Press, 2005, p. 11-18.
- URBANO, Carlota Miranda. “Introdução”. In: AGOSTINHO. *O De excidio Urbis e outros sermões sobre a queda de Roma*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2010, p. 13-26.
- WILLS, Garry. “Vergil and St. Augustine”. In: FARRELL, Joseph; PUTNAM, Michael C. J. (ed.). *A companion to Vergil’s Aeneid and its tradition*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2010, p. 123-132.